

Pedro Ludovico Teixeira: o médico para além do político

Pedro Ludovico Teixeira: the doctor beyond the politician

Rildo Bento de Souza¹

Resumo: Este artigo tem por objetivo analisar a trajetória do médico e político goiano Pedro Ludovico Teixeira, que por mais tempo permaneceu à frente do executivo estadual, no qual implementou o seu maior projeto: a construção de Goiânia, a nova capital de Goiás. Nossa foco é aprofundar na sua trajetória médica, um pouco ofuscada diante da sua intensa atuação política; ou seja, é tentar encontrar pistas e reconstruir esse mosaico. Para isso, mobilizamos a sua autobiografia, os relatórios oficiais, a sua tese médica, as suas biografias, os relatos memorialísticos e os objetos do Museu Pedro Ludovico. Desse modo, pretendemos compreender a trajetória dessa personagem para além da sua importância política. O texto encontra-se dividido em uma seção introdutória e de considerações finais, e de mais cinco partes: “O médico e a sua tese”; “O médico em sua autobiografia”; “O médico nos livros de memórias”; “O médico e o político”; e, por fim, “O médico em seu museu”.

Palavras-Chaves: Medicina, Política, Goiás.

Abstract: This article aims to analyze the trajectory of the doctor and politician from Goiás, Pedro Ludovico Teixeira, who remained at the head of the state executive for the longest time, when he implemented his biggest project: the construction of Goiânia, the new capital of Goiás. Our focus is to delve deeper into his medical career, which was overshadowed by his intense political activity; in other words, it is an attempt to find clues and reconstruct this mosaic. To do this, we have gathered his autobiography, official reports, his medical thesis, his biographies, memorial accounts and objects from Pedro Ludovico Museum. In this way, we intend to understand the trajectory of this character beyond his political importance. The text is divided into five parts: the doctor and his thesis; the doctor in his autobiography; the doctor in the

¹ Doutor em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG), com pós-doutorado em Museologia pela Universidade Lusófona de Lisboa-PT. Professor Associado da Faculdade de Ciências Sociais da UFG. Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH/UFG) e do Mestrado Profissional em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio (PROMEP/UEG). Sócio Titular do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG). E-mail: rildo_bento@ufg.br. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-1437-9595>.



memorial books; the doctor and the politician, and finally the doctor in his museum.
Keywords: Medicine, Politics, Goiás.

Introdução

Este artigo tem por objetivo analisar a trajetória do médico e político goiano Pedro Ludovico Teixeira (1891-1979). A fim de tentar reconstruir esse mosaico, mobilizamos a sua autobiografia, os relatórios oficiais, a sua tese médica, as suas biografias, os relatos memorialísticos e os objetos do seu museu. Com isso, pretendemos compreender essa personagem para além da sua importância política. O texto encontra-se estruturado por esta seção introdutória, a de considerações finais e por mais cinco partes: a primeira privilegia o período de estudos no Rio de Janeiro, no começo do século XX; a segunda parte analisa sua autobiografia; a terceira esquadriinha o médico em relatos memorialísticos; a quarta parte, por sua vez, escrutina as relações entre o médico e o político; por fim, a quinta parte apresenta os objetos médicos que se encontram no Museu Pedro Ludovico. Com tais propostas, é evidente que não conseguiremos aprofundar devidamente em cada uma dessas partes, que, por si só, daria um artigo. Entretanto, compreendemos ser necessário, como um trabalho inicial, tentar visualizar e abranger de uma forma mais ampla, apontando fontes e sugerindo outras possíveis abordagens em relação a esse tema.

Pedro Ludovico Teixeira foi o político que mais tempo permaneceu à frente do executivo estadual, no qual pôde, na década de 1930, implementar o seu maior projeto, a construção de uma nova capital para Goiás, Goiânia. Porém, antes de adentrarmos nesses meandros, é necessário esboçar brevemente a biografia. Pedro Ludovico nasceu na então capital do estado, Cidade de Goiás, em 1891. Formou-se em Medicina em 1916, no Rio de Janeiro. Ao retornar a Goiás, após peram-

bular por algumas cidades, fixou residência em Rio Verde, no sudoeste goiano, onde se casou em 1918 com Gercina Borges Teixeira (1900-1976), com quem teve seis filhos.² Com incentivo do sogro, Antônio Martins Borges, que fora um importante político da região, ingressou na política, contrapondo-se aos Caiado,³ primeiro por meio de jornais que editava e, posteriormente, se candidatando.

Após a derrota como candidato a deputado federal nas eleições de 1930, ajudou nos combates, em Goiás, da Revolução que, em outubro do mesmo ano, alçou Getúlio Vargas ao poder. A partir de então, ascendeu à chefia do executivo estadual e permaneceu por 15 anos ininterruptos no poder, ora como interventor ora como governador, tal qual o presidente da República. Nesse período, consolidou a sua principal bandeira política: a construção de Goiânia, que, em 1937, tornou-se a nova capital do estado. Ademais, foi senador, governador e novamente senador até 1968, quando, por meio do Ato Institucional nº 5 (AI-5), a ditadura militar caçou os seus direitos políticos por dez anos. Durante o período de ostracismo político, lançou a sua autobiografia em 1973, ficou viúvo em 1976 e morreu devido a problemas cardíacos em sua residência em 16 de agosto de 1979.

Embora Pedro Ludovico Teixeira não tenha sido arrolado no livro *Médicos intérpretes do Brasil* (2015), organizado por Gilberto Hochman e Nísia Trindade Lima, consideramos que ele também foi um intérprete deste país, ou melhor, deste sertão, que ele tratou de “medicar” promovendo mudanças médicas que perpassaram a sua carreira política.

2 Mauro Borges Teixeira (1920-2013), Lívia Teixeira Bahia (1921-2011), Pedro Ludovico Teixeira Júnior (1923-2012), Paulo Borges Teixeira (1927-1996), Antônio Borges Teixeira (1931-1952) e Goiânia Borges Teixeira (1936-2018).

3 A oligarquia dos Caiado, tão combatida por Pedro Ludovico, tinha no então senador Antônio Ramos Caiado (1874-1967), mais conhecido pela alcunha de Totó Caiado, sua principal liderança, que controlou a política goiana por vários lustros, até a Revolução de 1930. Atualmente, o governador do estado é neto de Totó Caiado.



Os escritos de Pedro Ludovico, como o opúsculo *Como e por que construí Goiânia* (1966), podem ser analisados sob a perspectiva proposta no livro dos pesquisadores da Fiocruz, que busca fazer um diálogo entre “história, saúde e ciências sociais” (HOCHMAN; LIMA, 2015, p. XIII).

Com uma história riquíssima que perpassou as primeiras sete décadas do século XX, não é nosso intento escrever uma biografia de Pedro Ludovico, mas sim aprofundar em um recorte específico sobre o seu primeiro ofício, o de médico. Este estudo se entrecruza no grande mosaico de histórias e memórias sobre essa personagem, e não deixa de ser uma tentativa de biografá-lo, uma vez que, de acordo com Bourdieu (2006, p. 185), uma biografia é uma “criação artificial de sentido”, posto que há uma intencionalidade na seleção dos “acontecimentos significativos e estabelecendo entre eles conexões para lhes dar coerência”. Por isso, privilegiamos neste artigo a trajetória médica de Pedro Ludovico, uma vez que trajetória se relaciona como “uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações” (BOURDIEU, 2006, p. 189).

97

O médico e a sua tese

Nesta parte, nosso foco recai sobre o período em que Pedro Ludovico estudou Medicina no Rio de Janeiro, terminando com a análise da sua tese de conclusão de curso. Em sua autobiografia, intitulada *Memórias*, que discorreremos no próximo tópico, Pedro Ludovico iniciou narrando que nasceu em uma “espaçosa casa, que se situa nas proximidades da Igreja do Rosário. Ali moravam os meus avós, minha mãe [Josefina Ludovico de Almeida] e minha irmã [Dulce Ludovico Teixeira Álva-

res]”. O irmão mais velho, João Teixeira Álvares Júnior (1885-1974), estudava Medicina na Bahia, às expensas do pai, o também médico João Teixeira Álvares⁴ (1858-1940). Sobre o pai, diz apenas que residia em Uberaba, onde mantinha um hospital (quando nasceu já se encontrava separado da sua mãe) e “era homem de cultura, exercia a medicina, indo de quando em vez a Paris, onde aperfeiçoava os seus estudos, tendo sido aluno do Professor Pasteur. Era membro da Academia Nacional de Medicina. Escreveu vários romances” (TEIXEIRA, 2013, p. 9).

Quando se dirigiu para o Rio de Janeiro para estudar, passou em Uberaba para solicitar ajuda do pai, uma vez que ele tinha ajudado o irmão. No entanto, João Teixeira Álvares se negou e Pedro Ludovico, mesmo sem apoio, seguiu para a então capital federal, cidade que muito o impressionou. Primeiramente se matriculou no curso de Engenharia, na Escola Politécnica, porém, não pôde continuar os estudos, posto que “o tempo de frequência exigido era muito rígido e me impedia de trabalhar em qualquer serviço que me desse o ganha-pão”. Foi então que, “por intermédio de um deputado mineiro, amigo do meu mano, consegui matricular-me na Faculdade de Medicina da Praia de Santa Luzia, única existente naquela época, na Cidade Maravilhosa”, mesmo o ano letivo já tendo iniciado. “Lá fui encontrar, como acadêmicos, os meus colegas do Liceu de Goiás Odilon de Amorim, Ildefonso Gomes de Almeida, Agenor Alves de Castro e Antonio Mendonça” (TEIXEIRA, 2013, p. 15).

4 De acordo com José Mendonça Teles, João Teixeira Álvares “teve vida agitada nessas três vertentes que soube muito bem costurar: medicina, literatura e... mulheres! Na medicina se valeu para aperfeiçoar-se em Paris, onde foi aluno de Pasteur. Retornando ao Brasil, montou hospital em Uberaba, criou fama e ganhou dinheiro. Na literatura, é autor de várias peças teatrais, como *Montezuma* e *Eleusa* e outros livros incluindo poesias e contos. Quanto ao assunto feminino basta dizer que além dos filhos com Josefina, teve mais sete, sendo seis nascidos em Minas Gerais e um em Paris” (TELES, 2004, p. 79).

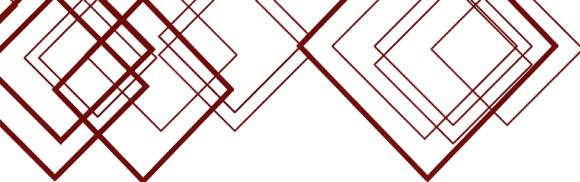


Inicialmente, Pedro Ludovico foi morar com o irmão, que residia momentaneamente no Rio de Janeiro, passando assim os primeiros meses. Depois, foi morar com a cunhada do seu irmão, onde passou outros meses. Posteriormente, habitou pensões já com a ajuda do Marechal Braz Abrantes (1841-1923), “goiano com função federal importante, a quem foi pedir um emprego”. O militar, no entanto, “lhe respondeu que emprego e estudo de Medicina não combinavam e que iria custear os estudos. Assim, Pedro conseguiria fazer o curso. Algum tempo depois de formado, esteve no Rio e procurou o marechal para lhe pagar, mas ele não aceitou tal pagamento” (ROCHA, 2016, p. 54).

Nessa época, o curso de Medicina era de seis anos, e não havia exame vestibular para o ingresso. Em sua autobiografia, Pedro Ludovico confessa que não foi “tão bom estudante”, e que era “regular”, reprovou, por exemplo, como a maior parte da turma, em Fisiologia, já que os alunos “não gostavam do professor da cadeira recentemente nomeado e deram-lhe uma vaia, recebendo-o com hostilidades. Assim sendo, ele foi duro no exame, escolhendo assunto difícil, para ser respondido e analisado. Na segunda época, passamos quase todos” (TEIXEIRA, 2013, p. 19).

99

Fui reprovado, igualmente, em Anatomia Patológica. Na segunda época, fomos examinados pelo professor Leitão da Cunha, que era muito severo. Na prova escrita e oral fui bem. Na prática, perguntou-me qual a doença de um fígado que estava sobre uma mesinha. O órgão estava irreconhecível, pela sua decomposição. Titubeei. Não deixou que respondesse e disse: está podre. Deu-me nota 5. A minha passagem pela faculdade ocorreu normalmente. Estudava bastante. Havia, no entanto, alunos muito mais estudiosos do que eu. No Hospital da Santa Casa, ouvia com muita atenção e entusiasmo as aulas dos



professores Paes Leme,⁵ Miguel Couto⁶ e Miguel Pereira.⁷ Este empolgava a turma, ao discorrer sobre os aneurismas da aorta. Era eloquente e vibrante (TEIXEIRA, 2013, p. 19-20).

Na época em que Pedro Ludovico formou-se, em 1916, a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro funcionava no antigo prédio do Recolhimento de Órfãs, na Rua Santa Luzia, que se localizava ao lado da Santa Casa de Misericórdia. Dois anos depois, em 1918, foi transferida para sua sede própria, na Praia Vermelha,⁸ no bairro da Urca e, também dois anos depois, em 1920, deixou de ser escola isolada para se unir a Universidade do Rio de Janeiro; posteriormente, em 1937, foi denominada Universidade do Brasil e, em 1965, finalmente, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Para a conclusão do curso, Pedro Ludovico precisou fazer uma tese e defendê-la para uma banca, como requisito para obtenção do título de doutor.

100

As teses estavam previstas desde 1832, quando, por meio de uma lei, houve uma reforma no ensino médico no Brasil, que, entre outras coisas, por exemplo, tornaram as então Academias Médico-Cirúrgicas do Rio de Janeiro e da Bahia em Faculdades de Medicina. A mesma

5 Augusto Brant Paes Leme (1862-1943) era professor catedrático e ocupava a terceira cadeira de Clínica Cirúrgica.

6 Miguel de Oliveira Couto (1865-1934) era professor catedrático e ocupava a terceira cadeira de Clínica Médica. Sobre ele, ver o interessante artigo de José Mario D'Almeida e Claudia Alves D'Almeida (2020), que esquadriinha a sua trajetória de vida enfocando no médico, no educador e no político.

7 Miguel da Silva Pereira (1871-1918) era professor catedrático e ocupava a primeira cadeira de Clínica Médica. Em 1916, proferiu um discurso que constou a seguinte frase: “o Brasil é um imenso hospital”, que “representou uma reação a discursos que afirmavam a força do sertanejo que, se convocado, garantiria a integridade territorial do país. Considerado um marco do movimento sanitário da Primeira República, o discurso reportava-se ao Brasil descrito pelos relatórios das expedições científicas do Instituto Oswaldo Cruz” pelo interior do Brasil (LIMA, 1999, p. 106).

8 “Depois da mudança, o prédio do Recolhimento das Órfãs, que a abrigou por quase um século, passou a se chamar Instituto Anatômico, onde algumas disciplinas do curso médico funcionaram até a década de 60” (ROCHA, 2016, p. 50-51).



lei, no seu artigo 26, preconizava que, mesmo passando em todos os exames, o aluno “não obterá o título de Doutor, sem sustentar em público uma these, o que fará quando quizer. As Faculdades determinarão por um regulamento a fórmula destas theses, que serão escriptas no idioma nacional, ou em latim, impressas à custa dos candidatos” (BRASIL, 1832). A tese era facultativa, caso o candidato não o fizesse recebia apenas o título de bacharel.

Desde então, as teses doutorais, que perduraram até a década de 1930, tornaram-se objeto de estudos, principalmente por parte dos historiadores. História da saúde, loucura, alcoolismo, ginecologia, entre outras temáticas, passaram a interessar aos especialistas. “Diferente dos artigos publicados em periódicos e outros impressos, as teses estavam inscritas na estrutura da Faculdade de Medicina”, ou seja, deviam ser levadas em consideração “o espaço, o tempo e as circunstâncias envolvidas na produção desses discursos” (ABREU, 2015, p. 26). Pedro Ludovico não se furtou em escrever a sua tese para conseguir o título de doutor em Medicina.

101

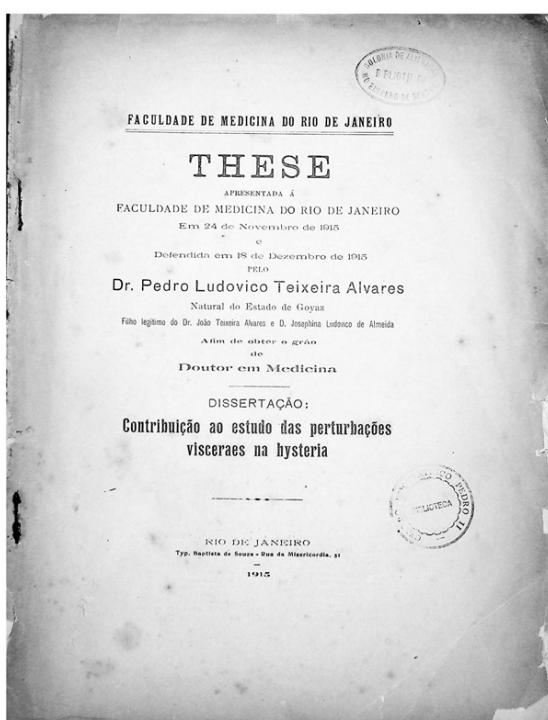
No sexto ano médico, tive que defender tese, escolhendo a Histeria como assunto. Moléstia nervosa, conhecida desde tempos imemoriais, e considerada como efeito de bruxaria ou de influência demoníaca, pela ignorância da época, verificou a ciência que era e é uma perturbação do sistema nervoso. Pela Escola de Charcot, provinha de um distúrbio neuropático, em que a simulação é predominantemente, influenciada pela sugestão. Na Salpêtrière, Charcot cultivava a histeria, produzindo histericas a vontade. Pela Escola de Bernheim, a histeria era uma doença que se criava pela sugestão e se curava pela persuasão. O assunto foi muito discutido e estudado pelas duas Escolas (TEIXEIRA, 2013, p. 21).

Conforme podemos observar na Figura 1, sua tese intitula-se *Contribuição ao estudo das perturbações visceraes na hysteria* e foi apre-

sentada à Faculdade de Medicina em 24 de novembro de 1915 e defendida em 18 de dezembro do mesmo ano. Na capa consta o seu nome completo, Pedro Ludovico Teixeira Álvares (de cujo último nome, do pai, ele abriu mão assim que chegou ao executivo estadual em 1930), bem como ser natural do estado de Goiás, além do nome dos seus pais. Infelizmente, não há nenhuma cópia nos arquivos no estado de Goiás e nem no Museu Pedro Ludovico, que salvaguarda a sua memória e história. Atualmente, a tese encontra-se na Biblioteca Alexandre Passos, do Centro de Documentação e Memória do Instituto Municipal Nise da Silveira (RJ) e na Biblioteca da UFRJ.

Figura 1 – Capa da tese de Pedro Ludovico

102



Fonte: Biblioteca Alexandre Passos, do Centro de Documentação e Memória do Instituto Municipal Nise da Silveira, Rio de Janeiro.



Sua tese possui 45 páginas e encontra-se dividida em duas partes: na primeira, Pedro Ludovico centra a discussão no conceito moderno da histeria, fazendo um histórico sobre essa enfermidade desde a Grécia Antiga; na segunda parte, ele se dedica às “perturbações viscerais” da histeria, quais sejam, as perturbações digestivas, respiratórias, circulatórias, “genito-urinarias” e cerebrais. O texto não conta com dedicatória, introdução e conclusão. Não obstante, na folha de rosto, consta o nome do diretor, vice-diretor, secretário e subsecretário e de todo corpo docente da Faculdade de Medicina (ÁLVARES, 1915). No entanto, não é nosso objetivo, neste artigo, esquadrinhar a sua tese, que pretendemos fazer em outras análises, arrolando a discussão bibliográfica pertinente ao interessante assunto da histeria.⁹

Para finalizar esta parte, é pertinente destacar as trajetórias muito similares que Pedro Ludovico e seu pai tiveram enquanto estudantes da Faculdade de Medicina. João Teixeira Álvares, goiano de Santa Luzia, atual Luziânia, conseguiu ir para o Rio de Janeiro graças à ajuda que teve do seu padrinho de crisma, o bispo Dom Joaquim Gonçalves de Azevedo. Ajuda essa que foi negada por ele para o filho, quando este quis estudar na então capital federal. João Teixeira “conseguiu uma pequena ajuda para se custear no Rio, concedida pela princesa Isabel” (ROCHA, 2016, p. 58). Pedro Ludovico, por sua vez, teve uma ajuda inicial por parte do irmão, também médico, que lá se encontrava. Por fim, João Teixeira, no segundo ano do curso, pediu emprego ao então ministro

103

9 Desde a Antiguidade até a Idade Média, acreditavam que a histeria era uma enfermidade ocasionada pelo útero, considerado um organismo vivo que possuía vapores e que a sua desarmonia provocava os ataques histéricos e espasmos. A partir do século XIX, principalmente nos círculos científicos franceses, a “mulher histérica é *cientificizada*, buscando-se em causas neurológicas e psicológicas as bases para os ataques histéricos, e deixando um pouco de lado a fixação sobre o útero como fonte desse mal”. O precursor desses estudos foi Jean-Martin Charcot (1825-1893) que “descobriu na hipnose um método para diagnosticar e tratar a histeria” (SCHMITZ, 2021, p. 230).



da Fazenda, Alfonso Celso, o Visconde de Ouro Preto, que lhe disse: “não lhe darei emprego, pois com ele, você seria um mau estudante. Irei lhe dar uma pequena cota em dinheiro” (ROCHA, 2016, p. 58). O mesmo aconteceu com Pedro Ludovico quando ele pediu emprego para o Marechal Braz Abrantes, que lhe custeou todo o curso. Nota-se, nessa perspectiva, que a trajetória desses dois médicos goianos, pai e filho, tem muito em comum. Pretendemos, em futuros estudos, explorar mais minuciosamente essa relação.

O médico em sua autobiografia

Neste tópico, analisaremos o perfil médico traçado na autobiografia e também nas biografias de Pedro Ludovico Teixeira. A autobiografia “é a experiência textual de alguém que quer contar sua vida para dizer quem é. Toda obra é uma forma de escrever-se, de permanecer nos espaços da memória, na arqueologia da recordação” (JOZEF, 1998, p. 298). Pedro Ludovico publicou a sua autobiografia, intitulada *Memórias*, em 1973, com o objetivo de se fazer ouvir e de “permanecer nos espaços da memória”, já que em 1969 tivera o seu mandato de senador cassado pelo AI-5. “Isolado politicamente, sem o protagonismo político que marcara a sua vida desde 1930, Pedro Ludovico se recolheu em sua casa, em Goiânia, retornou timidamente à medicina, campo onde sempre se manteve atualizado, e cuidou, também, da sua fazenda em Rio Verde” (SOUZA, 2021, p. 77).

Sua autobiografia trata-se, portanto, de um “texto político e de protesto que, além de ‘voltar ao passado’ para reconstruir sua imagem, evidencia os confrontos, os debates e os ressentimentos que Ludovico sentia diante da situação política que enfrentava” (FERNANDES, 2003, p. 20). Sua narrativa percorre a sua infância na então capital, ci-



dade de Goiás, os estudos, a viagem para o Rio de Janeiro com o objetivo de cursar, inicialmente Engenharia, e depois Medicina, seu retorno a Goiás, sua chegada em Rio Verde, seu casamento, o início da vida política, as eleições, as prisões, a Revolução de 1930 e a chegada ao governo, no qual pôde implementar sua principal bandeira: a construção de uma nova cidade para abrigar a capital do estado. Sua narrativa termina com sua vitória perante a consolidação de Goiânia. Nesse sentido, “os processos da memória, a recordação e o esquecimento – e sua manifestação como literatura – implicam uma teoria ficcional do ato autobiográfico e do texto que é sua consequência” (JOZEF, 1998, p. 299). E nessa relação, entre a memória, a recordação e o esquecimento, quais referências Pedro Ludovico fez sobre a Medicina? Em março de 1916, já formado, deixou a capital federal e retornou à sua terra natal, a cidade de Goiás.

Minha família insistiu para que ali permanecesse, tentando a clínica. Foi-me oferecida uma colocação de médico da Força Pública do Estado. Minha mãe a conseguiu com o Presidente, Cel. Eugênio Jardim, pessoa aparentada conosco. Ganharia 300 mil réis, mensalmente. Recusei o oferecimento, agradecendo a boa vontade de quem me oferecera. [...] Goiás ainda era uma cidade antiquada e em que não via possibilidade de corresponder às minhas aspirações (TEIXEIRA, 2013, p. 21).

Essa é uma questão importante, já que ele não via na então capital futuro nas suas aspirações, provavelmente políticas, já que, em termos de exercício da Medicina, era a principal cidade do estado e que tinha mais condições de fazer carreira médica. Entretanto, lá também era o reduto da família Caiado, que conduzia os destinos políticos da região, e que Pedro Ludovico se colocou como oposição. Ao sair de Goiás, depois de dois meses, ficou um ano em Bela Vista, onde por “12 mil réis mensais, aluguei uma das melhores casas. Montei a minha tenda de trabalho. Era um iniciante, que praticava a medicina. Foi-me muito útil



essa iniciação. Aprendi muito" (TEIXEIRA, 2013, p. 21).

Senti, desde então, os óbices para o exercício da clínica no interior. Não havia laboratórios, hospitais, nem colegas para ajudar em intervenções cirúrgicas. Quando os casos não eram urgentes, os doentes se dirigiam para São Paulo. Nos mais fáceis, agia-se dentro do possível e, às vezes, salvando algumas vidas irremediavelmente perdidas, se não se tentasse uma operação, mesmo com deficiência de recursos. Felizmente, os doentes que procuravam o médico eram mais de clínica médica. Atendíamos aos portadores de verminoses, de anemias produzidas por esta infestação que, então e atualmente, é a mais comum em todo o Brasil. O professor Austregésilo dizia que ao examinar um doente tornava-se preciso pensar sifiliticamente. Preferível seria se dissesse que era necessário pensar verminosamente.

Noventa por cento dos habitantes do campo, ontem como hoje, são atacados de vermes. O necator americano, o anquilóstomo duodenal são os mais frequentes nas populações rurais. Esses primeiros contatos com as endemias e com outras enfermidades de natureza diversa foram-me muito úteis, como desbravadores da minha mentalidade médica. Chegando à conclusão de que Bela Vista era um ambiente pequeno para o que pretendia, decidi seguir para Rio Verde, cidade do sudoeste goiano, já muito falada pela sua riqueza na pecuária, contando o município com cerca de 300 mil cabeças de gado vacum (TEIXEIRA, 2013, p. 22).

106

Esse excerto é muito interessante, pois nos oferece uma visão sobre como era ser médico no sertão goiano, ainda sem a estrada de ferro, com estradas incipientes e meios de transportes rudimentares. Ele destaca a prevalência de doenças como de verminoses e anemias, pintando o mesmo quadro observado pelos médicos sanitaristas Arthur Neiva (1880-1943) e Belisário Pena (1868-1939) durante suas passagens por Goiás em 1912. Seu relatório culminou na famosa frase do médico Miguel Pereira, professor de Pedro Ludovico, que aludimos na nota de rodapé no 5.¹⁰

10 Este relatório tornou-se a égide do movimento pelo saneamento rural na Primeira República e apontou "a doença e não o clima ou a raça, como principal problema para o progresso das regiões" (LIMA, 1999, p. 84).



Ao deixar Bela Vista, ficou, “intencionalmente”, um mês em Trindade, “justamente antes da romaria da festa do Divino Pai Eterno, que lá se realiza todos os anos, no primeiro domingo de julho. Naquele espaço de tempo, atendi a numerosos romeiros, que me procuraram para consultas”. Apesar de destacar que não cobrava da “maioria dos clientes, muito pobres”, ganhou “4 contos de réis, que representava importância apreciável nessa época” (TEIXEIRA, 2013, p. 22). Essa questão de que Pedro Ludovico não cobrava dos pobres foi muito ressaltada pelos depoimentos sobre ele que analisaremos no próximo tópico.

Chegou em Rio Verde em julho de 1917, e se hospedou, por algumas semanas, na casa do farmacêutico Raul Seabra Guimarães e de sua esposa Luzia de Oliveira, ambos “espíritas e pessoas muito boas”.¹¹ A farmácia se localizava na própria casa, o que permitia que Pedro Ludovico começasse “logo, a clínica”. O primeiro caso que narra é justamente o de Raul, que, em dada ocasião, sofreu uma “hemoptise. Vomitou mais de um litro de sangue. Fuivê-lo e constatei a gravidade do seu estado. Sendo espírita convicto, não demonstrou o menor medo de morrer. Medicado, foi vencida a crise, que, concluí, posteriormente, não era causada por tuberculose pulmonar” (TEIXEIRA, 2013, p. 24).

107

Depois das primeiras semanas, conseguiu se instalar em uma casa alugada, onde passou a “ter uma vida profissional mais metódica” (TEIXEIRA, 2013, p. 24). Muito solicitado para “ver clientes na roça, nas fazendas”, Pedro Ludovico destacou em sua narrativa “três chamados [que] me ficaram guardados na memória”. O primeiro foi “para dar

11 O espiritismo chegou em Goiás “a partir das obras de Kardec, de matérias de jornais e revistas, e através de experiências mediúnicas realizadas em fazendas e residências, práticas que deram origem aos primeiros grupos espíritas em Goiás, geralmente familiares. Muitos desses grupos não eram registrados na Federação Espírita Brasileira, nem possuíam estatuto ou nome. Alguns eram intitulados com o nome do dirigente dos trabalhos ou da localidade” (BRITO, 2013, p. 23).



assistência à mulher do Sr. Félix Arantes, cuja fazenda se situava no vizinho município de Palmeiras" (TEIXEIRA, 2013, p. 25).

A marcha a cavalo foi de 16 léguas, com apenas uma interrupção, porquanto a paciente não se achava na sede da fazenda e, sim, em um Retiro, distante 18 quilômetros. Sentindo-me bastante fatigado, porque já havia andado 13 léguas, tomei dois comprimidos de aspirina, que me tiraram a canseira, e cheguei tarde da noite ao local em que se encontrava a minha cliente. Tratava-se de um caso perdido, de doente em estado pré-agônico. Extinguiu-se ela três horas após a minha chegada (TEIXEIRA, 2013, p. 25).

O segundo foi para socorrer um fazendeiro, seu amigo, "que tinha sido gravemente atacado por uma pneumonia, em Quirinópolis. Ainda cheguei a tempo, mas o doente não resistira ao mal, pois em tal época não existiam os antibióticos. Fiz uma marcha de 18 léguas, recorrendo, duas vezes, à aspirina, para poder resistir" (TEIXEIRA, 2013, p. 25). Por fim, o terceiro foi para ir novamente a Quirinópolis, "medicar um dos homens mais ricos de lá. Sofria do coração. Era um sertanejo interessante, jocoso, alegre. Morava em uma chácara perto da cidade. [...] Estive em sua casa dez dias, dando-lhe assistência. Ainda viveu dois anos" (TEIXEIRA, 2013, p. 25-26).

Pressupomos que esses primeiros anos foram muito importantes para que Pedro Ludovico se tornasse conhecido por toda a região, não se limitando apenas a Rio Verde, mas também às regiões de Trindade, Bela Vista, Palmeiras e Quirinópolis, possibilitando uma influência que catapultasse o seu objetivo de ingressar na política, primeiro escrevendo em jornais e depois se candidatando, com as bênçãos do fazendeiro e político Antônio Martins Borges, que se tornou seu sogro.



O médico nos livros de memórias

Em seu estudo, Souza (2021, p. 363) arrolou mais de 20 livros de memória sobre Pedro Ludovico e, principalmente, Goiânia. Porém, para este artigo centramos a análise apenas em um, qual seja, *O velho cajique*, que traz 43 depoimentos sobre Pedro Ludovico, organizado pelo escritor Luiz Alberto de Queiroz, cuja primeira edição data de 1990, e já se encontra na décima. O livro costura depoimentos de “amigos, admiradores e adversários, intercalando-os de modo a permitir ao leitor conhecer várias histórias, ângulos singulares e curiosidades acerca da personalidade do homenageado” (SOUZA, 2021, p. 260).

Ademais, por meio dos livros que trazem depoimentos memorialísticos, podemos identificar a diferença entre a *memória individual* e a *memória coletiva*, já que tanto Pedro Ludovico, quanto a sua obra, Goiânia, permeiam as narrativas que partem primeiramente de si, posto que a memória coletiva “evolui segundo suas leis, e se algumas lembranças individuais penetram algumas vezes nela, mudam de figura assim que sejam recolocadas num conjunto que não é mais uma consciência pessoal” (HALBWACHS, 1990, p. 54).

109

Dos 43 depoimentos do livro, dez trazem algum tipo de menção ao fato de Pedro Ludovico ter sido médico, ou seja, pouco mais de 23% do total. O relato que mais se dedica a isso é o do seu filho, Pedro Ludovico Teixeira Júnior, que abre o livro, que destaca seu ingresso no Liceu de Goiás, onde concluiu o curso ginásial e seus estudos no Rio de Janeiro (QUEIROZ, 2007, p. 35). Ademais, enfatiza que quando Pedro Ludovico terminou o curso tentou devolver o dinheiro ao Marechal Braz Abrantes, que o financiou durante anos, “mas o marechal nunca aceitou” (QUEIROZ, 2007, p. 36). O filho de Pedro Ludovico, ainda acrescentou:



Anos depois, Pedro Ludovico, já médico, clinicando em Rio Verde, com uma situação estável, recebeu uma carta do seu irmão, por parte de pai, comunicando que o velho Dr. João Teixeira Álvares não mais clinicava devido a uma catarata que o levou a uma situação financeira insustentável. Pedro Ludovico respondeu ao irmão que mandaria mensalmente uma importância necessária para o sustento do pai, mas exigia que nunca deixassem o velho saber da origem daquele dinheiro, evitando assim qualquer constrangimento para com o pai que lhe faltou nos momentos mais difíceis (QUEIROZ, 2007, p. 36).

110

O outro depoimento é do professor Venerando de Freitas Borges, amigo pessoal de Pedro Ludovico, escolhido por ele para ser o primeiro prefeito de Goiânia. Seguindo a trilha da sua autobiografia, Venerando destaca o retorno do amigo ao estado natal em 1916, indo primeiramente à capital, para ver os familiares e depois seguindo para Trindade, Bela Vista e, por fim, Rio Verde, sempre exercendo a Medicina e conseguindo ganhar um bom dinheiro, contudo, “dos pobres nada cobrava” (QUEIROZ, 2007, p. 48).

O político Almir Turisco de Araújo, ex-presidente da Assembleia Legislativa de Goiás, afirmou que o “Pedro médico, clínico-geral, jamais discriminou quem dele necessitasse, levando esperança e alento a lares humildes, que praticamente não tinham acesso regular a uma orientação médica”. Na mesma linha de Venerando no depoimento anterior, que disse que Pedro Ludovico não cobrava dos pobres, Almir Araújo também pontuou que na “labuta de seu ofício, Pedro honrou os ideais de Hipócrates, sem qualquer conotação do mercantilismo avassalador dos dias presentes” (QUEIROZ, 2007, p. 94). Essa questão também permeou o depoimento do ex-prefeito de Rio Verde, Felipe Santa Cruz, que após destacar que conheceu Pedro Ludovico em 1923, quando foi “trabalhar com ele na sua farmácia, como farmacêutico até 1930”, su-



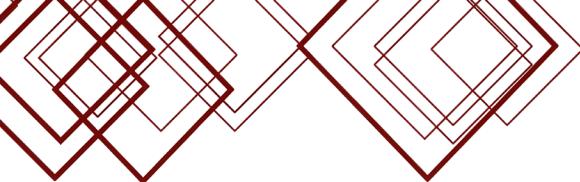
blinhou que este “foi um grande médico, humanista, atendia a ricos e pobres sem cobrar, e ainda doava medicamentos” (QUEIROZ, 2007, p. 131). Outro ex-presidente da Assembleia Legislativa do Estado de Goiás, Nelson Siqueira, destacou:

Outro ângulo da vida de Pedro Ludovico é aquele que coloca em destaque o seu lado de médico humanitário que sabia socorrer o pobre em seus sofrimentos, tendo sempre uma palavra amiga além do medicamento destinado a superar as doenças. Seu diploma de médico foi usado para dar não só a solução clínica das dores dos que o procuravam; mas o alívio maior da solidariedade de um coração que batia pelos pobres e que sabia amparar, muitas vezes, até com lágrimas nos olhos, mas sempre sem a ambição de provocar o reconhecimento dos sofredores (QUEIROZ, 2007, p. 178).

O ecologista Leolídio Caiado, por sua vez, ressaltou que a formação em Medicina possibilitou que Pedro Ludovico compreendesse “as dificuldades topográficas e hidrográficas, onde se situava a velha capital goiana para se tornar grande metrópole” (QUEIROZ, 2007, p. 121). Ou seja, lembrou o fato de que o conhecimento dele foi fundamental para que construísse uma nova capital no Estado.

Os depoimentos de Francisco Ludovico de Almeida Neto, médico filho de um primo de primeiro grau de Pedro Ludovico; Eurico Barbosa, ex-presidente da Assembleia Legislativa do Estado de Goiás, e o ex-prefeito de Goiânia, Hélio Seixo de Britto, apenas ressaltam que o político Pedro Ludovico também foi médico.

Por fim, encerramos este tópico com depoimento de outro filho de Pedro Ludovico, Mauro Borges Teixeira, ex-governador de Goiás. Em sua narrativa, ele afirmou que o pai “gostava muito do Rio de Janeiro e tinha saudades dos chopes gelados da *Brahma* que tomava quando acadêmico”, e também “gostava de arroz com lula que comia no Rio



de Janeiro quando era estudante" (QUEIROZ, 2007, p. 197). Porém, Mauro Borges destacou muito o avô, João Teixeira Álvares:

Pedro foi filho de João Teixeira e Josefina Ludovico Teixeira. João Teixeira, um grande médico nascido em Santa Luzia de Goiás, nos meados do século passado. Casou-se com Josefina e foram para o Rio de Janeiro onde estudava Medicina. Dr. João Teixeira foi médico e intelectual brilhante, discípulo de Luiz Pasteur, em Paris. Não levou minha avó Josefina, que, não se conformando, voltou para a cidade de Goiás, berço de sua família. Com o passar do tempo acabaram se separando (QUEIROZ, 2007, p. 195).

112 Todas essas narrativas convergem para o que Pedro Ludovico escreveu em sua autobiografia. O filho rejeitado pelo pai, que insistiu em fazer uma faculdade em outro estado, mesmo sem recursos para isso, que exerceu a sua profissão de forma responsável e até magnânima, além de ter sido sensível com o pai, ajudando-o financeiramente, mostra que a trajetória política de Pedro Ludovico está intrinsecamente ligada à sua formação, seja para a empatia para com os mais necessitados, seja em relação à palavra de autoridade quando afirmou que a cidade de Goiás não podia continuar como capital. O médico foi fundamental para o político e esses depoimentos demonstram a perenidade e a força do discurso ludoviquista.

O médico e o político

Como já afirmamos, Pedro Ludovico foi o político que mais tempo ocupou o cargo de governador no estado de Goiás, de 1930 a 1945 e de 1951 a 1955. Na primeira passagem, esteve no governo do Estado no mesmo período que Getúlio Vargas na presidência da República, inclusive durante a ditadura do Estado Novo, quando construiu Goiâ-



nia. Neste tópico, analisaremos documentos que retratam como Pedro Ludovico, no exercício dos seus mandatos, refletiu sobre o seu ofício de médico, quais sejam: o *Relatório apresentado ao Exmo. Snr. Dr. Getúlio Vargas, d. d. Chefe do Governo Provisório, e ao povo goiano, pelo dr. Pedro Ludovico Teixeira, Interventor Federal neste Estado*, e o opúsculo *Como e por que construí Goiânia*, e, por fim, a sua autobiografia. Do primeiro documento, que traz, em 11 capítulos, elaborado balanço das realizações do governo entre 1930 e 1933, o mais importante para esta análise é o nono que trata exclusivamente da justificativa para a mudança da capital. O segundo, por sua vez, data de 1966, quando exercia o mandato de senador, e traz a transcrição de uma palestra dada ao Departamento de Geografia e História da Universidade Federal de Goiás (UFG).

O Relatório de 1933 forneceu os argumentos para a construção de uma nova capital. Nele, “Goiás [cidade] é examinado como a um doente [...] Em tudo, Pedro Ludovico interfere, esquadinha” (CAMPOS, 2002, p. 170). Para produzir o efeito desejado, “o médico e o político se entrelaçam” (SOUZA, 2021, p. 131).

113

A mudança da capital, em 1933, tem a ver com a ‘criação’ da Diretoria de Higiene e com o regulamento de 1931. É com base no saber médico que Pedro Ludovico, interventor federal, descharacteriza a antiga capital, Goiás, como cidade capaz de sediar o governo. Esse regulamento fornece, contra a cidade de Goiás, os principais argumentos, que se poderiam chamar ‘argumentos sanitários’. E tendo por base esse saber médico, a nova capital, Goiânia, é fundada (CAMPOS, 1999, p. 232-233).

Ao se referir às casas, por exemplo, diz que na cidade de Goiás elas são “anti-higienicas e anti-estéticas”, “aberram todos os princípios de higiene e de todas as utilidades de conforto”, “insurgindo-se contra os mais rudimentares preceitos de higiene doméstica”, “distanciadas da habitação moderna e confortável do homem civilizado”, colaborando para



“fazer inhabitável a cidade de Goiaz” (TEIXEIRA, 1933, p. 112-114).

Pedro Ludovico também criticou o fato da cidade não possuir uma rede de água e de esgotos; para suprir a primeira, a população recorria às duas únicas fontes de água potável da cidade, a Fonte da Carioca, de 1772, e o Chafariz do largo da Casa de Câmara e Cadeia, de 1778, fazendo com que houvesse uma “tendencia comum, verificável em muitas famílias goianas, de manter cada uma delas um bôbo — mentecapto, idiota, imbecil — para o serviço de transportes domésticos, especialmente o de água” (TEIXEIRA, 1933, p. 115). Ademais, a perfuração de cisternas para o abastecimento doméstico não era possível, posto que a “água é absolutamente impotável, dada a abundância de carbonato de cálcio que lhe adicionam as rochas calcáreas” (TEIXEIRA, 1966, p. 16). Em relação à rede de esgotos, havia a dificuldade de perfurá-los, posto que a cidade foi construída em solo rochoso, que demandava a utilização de dinamite. Diante do quadro, Pedro Ludovico se perguntou: “e como

114

póde uma cidade ser limpa, higiênica, habitável sem possuir um sistema de galerias subterrâneas para o escoamento dos detritos, águas servidas e materiais fecais?” (TEIXEIRA, 1933, p. 114).

Ao desconstruir a cidade de Goiás, Pedro Ludovico construía a sua cidade ideal, projetada para ser o oposto da antiga Vila Boa. O então interventor “pretendia que a nova capital privilegiasse a saúde dos habitantes, que seriam atendidos com abastecimento de água, rede de esgotos sanitários, coleta de lixo e regulamentação das construções, segundo parâmetros ideais de higiene e conforto” (FREITAS, 1999, p. 239). Nesse sentido, tratava-se de uma “cidade ideal que não cabia dentro do fundo de vale a que a antiga Vila Boa estava perpetuamente condenada, cujos paredões da Serra Dourada delimitavam o seu crescimento tanto espacial quanto econômico” (SOUZA, 2021, p. 151).



Há que se ressaltar que antes mesmo de Goiânia existir ela já existia para Pedro Ludovico. Nos *sonhos* do Interventor ela já estava traçada, arquitetada e pensada. Ela era tudo que a Cidade de Goiás nunca seria! Pressuponho que a nova capital foi a sua realização profissional e política. Profissional devido à sua formação médica, quando pôde colocar a mudança da capital como prioridade da sua administração e fazê-la prosperar, devido à desconstrução da Cidade de Goiás como lugar habitável, higiênico e saudável. Embora recorresse aos mesmos pressupostos dos que o precederam, Pedro Ludovico teceu a sua argumentação na oposição entre *saúde* e *doença* e projetou isso para além dos limites da Serra Dourada, enfeixando todo o estado, jogando-o contra aquela que fora, no início do século XVIII, o berço de toda ‘civilização goiana’. E política porque essa foi a plataforma que garantiu não somente o grande período em que esteve no poder do estado como se transformou no seu principal legado (SOUZA, 2021, p. 163).

Noutro passo, publicado pelo Senado Federal, o opúsculo *Como e por que construí Goiânia* “é um dos mais interessantes documentos relacionados ao construtor da nova capital e a análise que este fez sobre sua grande obra” (SOUZA, 2021, p. 166). A sua palestra para os alunos da UFG ocorreu por iniciativa da professora Lena Castello Branco Ferreira de Freitas, que foi uma das pioneiras nos estudos acadêmicos sobre história da saúde e das doenças em Goiás. Em 1966, Pedro Ludovico era senador, embora tivesse perdido prestígio político com a saída do seu filho Mauro Borges do governo do estado, apeado pela ditadura militar no final de 1964. A sua fala retoma muito do que viria a ser escrito em sua autobiografia, porém ele se dedica mais profundamente na questão da saúde da população:

Sempre em contato com o povo e com a parte mais pobre da população, comecei a sentir com ela a dor da miséria, da falta de assistência para os seus males. Além dos sofrimentos físicos, havia os originados pela ausência de compreensão das autoridades públicas.

Os homens do campo eram as maiores vítimas.



Anemiados, inutilizados pelas endemias rurais, mal podiam tirar da terra o sustento para si e suas famílias. Nenhum amparo do governo lhes vinha, quer médico, quer terapêutico.

Vegetavam dia a dia, consumidos pela verminose e pela malária.

Foi nesse tempo e nesse ambiente que eu, médico, recém-formado, cheio de ilusões e de esperanças, com o espírito generoso, repleto de reivindicações sociais, encetei a minha clínica em Rio Verde (TEIXEIRA, 1966, p. 10-11).

Pedro Ludovico narra, de forma mais objetiva, os motivos que o levaram a ingressar na política, ou seja, visando melhorar a vida da “parte mais pobre da população”, pois considerava que o governo não os tinha em conta, posto que faltava assistência médica.

116 Por fim, em sua autobiografia, escrita após a sua cassação pelo AI-5 da ditadura militar, Pedro Ludovico pôde refletir sobre a sua vida. Em dado momento, ele se deteve sobre as mudanças que ocorreram no sistema de saúde durante o período em que esteve no poder.

No Departamento de Saúde, instituímos a Assistência Itinerante, por meio de aviões, levando a todas as localidades do Norte e do Nordeste do Estado, recursos médicos, terapêuticos, inclusive odontológicos. Dispomos de três aparelhos novos para fazer o transporte aéreo.

A população das regiões percorridas muito se tem beneficiado com esse amparo que se lhe oferece.

Em certos casos de moléstias agudas, essa assistência presta, não raro, ajuda inestimável, socorrendo o doente em momentos de angústia, agravada pela inteira falta de recursos do meio em que habita (TEIXEIRA, 2013, p. 254).

Ademais, também falou sobre as instituições hospitalares, tais como o Hospital Psiquiátrico Adauto Botelho, para doenças mentais, “que é um grande e moderno nosocômio, de que muito carecíamos, e que comporta duzentos internados”, o Hospital Geral de Goiânia que



“está quase acabado e será também uma obra de certo vulto da minha administração, que vai socorrer principalmente as classes menos favorecidas”, e a organização de dois serviços médicos para o tratamento do pênfigo e da tuberculose. “A primeira já cuida presentemente de 30 casos, dando alta, frequentemente, a pacientes curados. A segunda tem, atualmente, 70 internados, oferecendo assistência ainda a mais de 200 que não o são”. Ao final, afirma que o seu governo garantiu “todos os recursos para o tratamento da tuberculose, que é um flagelo social, mas que, na atualidade, pode ser reduzida nos seus malefícios, curando-se apreciável percentagem dos doentes” (TEIXEIRA, 2013, p. 254-255).

O médico em seu museu

A residência da família Ludovico data de 1936 e foi uma das primeiras a serem construídas em Goiânia e é uma das referências do Art Decó na capital. “Enfim, podem-se verificar aqui várias orientações déco em ação, numa espécie de catálogo arquitetônico da época, interessante solução para a esperada monumentalidade da residência mais importante da capital” (UNES, 2001, p. 111).

Figura 2 – Museu Pedro Ludovico



Fonte: Suzi Rodrigues, 2021.

118

Após a morte de Pedro Ludovico em 16 de agosto de 1979, rapidamente o Governo do Estado de Goiás sancionou a Lei nº 8.690, em 25 de setembro de 1979, que criou o Museu em homenagem ao fundador de Goiânia, permitindo desapropriar o imóvel com os “móveis, biblioteca, utensílios e de todos os demais pertences, inclusive roupas e objetos de uso pessoal, que a família concordar em alienar ao Estado, para preservação, com detalhes, da memória do fundador de Goiânia” (GOIÁS, 1979). No entanto, a desapropriação só aconteceu seis anos mais tarde, por meio do Decreto nº 2.488, de 5 de julho de 1985, e somente em 18 de maio de 1987, por meio do Decreto nº 2.712, que o museu foi, finalmente, criado. Ademais, a instituição foi concebida para, “de forma pedagógica, divulgar a memória de Ludovico, revigorando os acontecimentos comemorativos, buscando dar sentido à formação de um tempo histórico, reiterando-a a cada celebração do

aniversário do personagem e de Goiânia” (BARRETO, 2001, p. 104).

No seu grande acervo que inclui mobiliário, vestuário, livros, fotografias e pertences pessoais dos antigos moradores, há, também, no museu, uma coleção relacionada aos objetos médicos de Pedro Ludovico, constituída de 71 objetos¹² tais como fórceps, instrumentos cirúrgicos, estojo para termômetro, pulverizador anestésico, pinça cirúrgica, estetoscópio, balão de oxigênio, maleta de couro para transporte de material de oxigênio, seringas e agulhas, entre outros.

Figura 3 – Parte do acervo dos objetos médicos de Pedro Ludovico em exposição

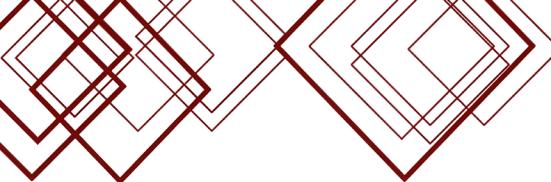


119

Fonte: foto do autor, 2024.

Outros objetos relacionados à atuação médica de Pedro Ludovico encontram-se na biblioteca. Trata-se dos livros sobre medicina, em francês e alemão, publicados nas décadas de 1910 e 1920, como atestam a tabela a seguir:

12 Os objetos desta coleção foram catalogados em abril de 1987, pelo médico Afonso Rufino de Sousa.



Acervo bibliográfico de medicina do Museu Pedro Ludovico				
	Título	Autor	País	Ano
120	1 <i>Traité de thérapeutique chirurgicale et de Technique Opératoire v. 3¹³</i>	E. Doyen	França	1910
	2 <i>Traité de thérapeutique chirurgicale et de Technique Opératoire v. 4</i>	E. Doyen	França	1912
	3 <i>Médecin Maladies Infectieuses Aiguës: Méthodes Générales de Diagnostic et de Therapeutique¹⁴</i>	J. Castaigne; L. Boidin	França	1912
	4 <i>Manuel de Technique Chirurgicale Tomo I¹⁵</i>	G. Marion	França	1921
	5 <i>Krankheiten und hygiene der warmen länder¹⁶</i>	Reinold Ruge; Peter Mühlens; Max Zur Verth	Alemanha	1925
	6 <i>Thérapeutique Clinique¹⁷</i>	Alfred Martinet	França	1926

Fonte: Museu Pedro Ludovico.

Nos mais de 200 livros, apenas seis referem-se à medicina. Podemos aventar a possibilidade de que os três primeiros acompanharam Pedro Ludovico desde a faculdade. Já os outros também devem ter sido adquiridos no Rio de Janeiro, já que Pedro Ludovico ia constantemente a então capital federal. Dos seis livros, metade abordam técnicas cirúrgicas, um versa sobre terapêutica, outro sobre doenças infecciosas e,

13 Tradução livre: *Tratado sobre terapia cirúrgica e técnica operatória*.

14 Tradução livre: *Doenças infecciosas agudas: métodos gerais de diagnóstico e terapêutica*.

15 Tradução livre: *Manual de técnica cirúrgica*.

16 Tradução livre: *Doenças e higiene em países quentes*.

17 Tradução livre: *Terapêutica clínica*.



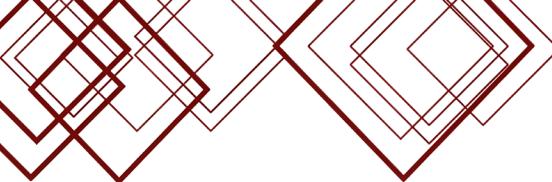
por fim, um sobre doenças e higiene em países quentes. Grande parte dos instrumentos do acervo médico são ligados a cirurgias, o que mostra que ele era muito requisitado nesse sentido, como demonstra a sua autobiografia, que analisamos páginas atrás. Pressupomos que o livro sobre doenças e higiene em países quentes deve ter sido o guia para a escrita do Relatório de 1933, embora não o cite diretamente. O relatório condenou a antiga capital como um lugar não habitável, por seu clima quente e seco, questões de salubridade, higiene e dificuldade de dotá-la dos recursos que uma cidade deveria ter como água potável encanada e redes de esgoto. Por fim, destacamos que o interessante acervo médico do Museu Pedro Ludovico, dado a singularidade da personagem, merece estudos mais aprofundados, que pretendemos fazer em outra oportunidade.

121

Considerações finais

Este artigo teve o objetivo de reconstruir a trajetória médica de Pedro Ludovico a partir de variadas fontes, tais como a sua autobiografia, relatos de memória, relatórios oficiais, discursos, a sua tese e o acervo do museu dedicado à sua memória. Todos esses elementos foram mobilizados com o intuito de compreender o médico para além do político, uma vez que há uma extensa bibliografia sobre a atuação política de Pedro Ludovico, principalmente em relação à construção de Goiânia.

Sobre o seu primeiro ofício, a Medicina, Pedro Ludovico a desempenhou no começo e no final da sua vida. No meio dela estão as décadas dedicadas à política, quando exerceu os cargos de governador e senador. Pressupomos que a Medicina lhe possibilitou ser conhecido visando angariar apoio político e, quando conseguiu chegar a um cargo



público, deixou-a de lado, só vindo a exercê-la novamente após a sua cassação, por meio da ditadura militar, já na velhice.

A narrativa de que Pedro Ludovico sempre se manteve atualizado no campo médico não acha embasamento, por exemplo, no acervo bibliográfico que se encontra no museu. Os livros médicos são todos das décadas de 1910 e 1920, ou seja, no começo da sua trajetória profissional. Não obstante, esses livros também não têm relação com a sua tese. Não há nada sobre o tema da histeria.

O acervo museológico referente à Medicina no Museu Pedro Ludovico diz muito sobre a atuação dos médicos no sertão goiano, com aparelhos que permitiam realizar pequenas cirurgias e prestar o pronto atendimento, por vezes, de maneira improvisada. A trajetória do médico Pedro Ludovico se situa na história da própria transformação do saber médico para algo mais científico. Sua autobiografia revela, por exemplo, a ausência de antibióticos no começo da carreira e, também, a construção de hospitais e centros de saúde especializados. Nesse sentido, podemos considerar Pedro Ludovico como um *intérprete* do Brasil, uma voz potente sobre as transformações por meio da medicalização do sertão.

122

Referências

- ABREU, J. L. N. As teses médicas mineiras do século XIX: perspectivas de análise de um corpus documental (1836-1897). *História Revista*, v. 20, n. 3, p. 24-40, set./dez. 2015.
- ÁLVARES, P. L. T. *Contribuições ao estudo das perturbações visceraes na hysteria*. Rio de Janeiro: Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1915. Disponível em: Biblioteca Alexandre Passos, do Centro de Documentação e Memória do Instituto Municipal Nise da



Silveira, Rio de Janeiro.

- BARRETO, R. F. B. N. *As estratégias da memória em Goiás: Política Cultural e criação do Museu Pedro Ludovico*. Dissertação (Mestrado em História). Goiânia, Universidade Federal de Goiás, 2001.
- BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. (coords.). *Usos e abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.
- BRASIL. *Lei de 3 de outubro de 1832*. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-37274-3-outubro-1832-563716-norma-pl.html. Acesso em: 8 ago. 2024.
- BRITO, C. C. Do século XIX ao século XXI: as mulheres ou os “silêncios da história” do espiritismo na Cidade de Goiás. *Fragmentos de Cultura*, v. 23, n. 1, p. 17-38, jan./mar. 2013.
- CAMPOS, F. I. Mudança da capital: uma estratégia de poder. In: BOTELHO, T. R. (org.) *Goiânia: cidade pensada*. Goiânia: Ed. UFG, 2002.
- CAMPOS, F. I. Serviços de higiene, origem da saúde pública em Goiás. In: FREITAS, L. C. B. F. (org.). *Saúde e doenças em Goiás: a medicina possível*. Goiânia: Ed. UFG, 1999.
- D'ALMEIDA, J. M.; D'ALMEIDA, C. A. Trajetória de vida de Miguel de Oliveira Couto (1865-1934), médico, educador e político. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica*, v. 5, n. 14, p. 900-915, 2020.
- FERNANDES, M. J. *Percursos de memórias: a trajetória política de Pedro Ludovico Teixeira*. (Mestrado em História). Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2003.
- FREITAS, L. C. B. F. Goiânia: lócus privilegiado da saúde. In: FREITAS, L. C. B. F. (org.). *Saúde e doenças em Goiás: a medicina possível*. Goiânia: Ed. UFG, 1999.
- GOIÁS. *Lei nº 8.690*, de 25 de setembro de 1979.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, Revista dos

Tribunais, 1990.

HOCHMAN, G.; LIMA, N. T. (org.). *Médicos intérpretes do Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2015.

JOZEF, B. (auto)biografia: os territórios da memória e da história. In: LEENHARDT, J.; PESAVENTO, S. J. (org.). *Discurso histórico e narrativa histórica*. Campinas-SP: Ed. Unicamp, 1998.

LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil*: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional. Rio de Janeiro: Revan, IUPERJ, UCAM, 1999.

QUEIROZ, L. A. (org.) *O velho cacique*. Goiânia: Ed. Kelps, 2007.

ROCHA, H. *Tu és Pedro*: uma biografia de Pedro Ludovico Teixeira. Goiânia: Kelps, 2016.

SCHMITZ, Erik Dorff. Uma breve história da histeria: da antiguidade até os tempos atuais. *Revista Mosaico*, v. 14, n. 2, p. 227-238, 2021.

124 SOUZA, R. B. *As raízes profundas do jequitibá*: o processo de construção mítica de Pedro Ludovico Teixeira. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2021.

TEIXEIRA, P. L. *Como e por que construí Goiânia*. Brasília: Senado Federal, 1966.

TEIXEIRA, P. L. *Memórias*. Goiânia: Secult/Gráfica Elite, 2013.

TEIXEIRA, P. L. *Relatório apresentado ao Ex.^{mo} S.^{nr} D.^r Getúlio Vargas, d. d. Chefe do Governo Provisorio, e ao povo goiano, pelo dr. Pedro Ludovico Teixeira, Interventor Federal neste Estado. 1930-1933*. Goiás, 1933.

TELES, J. M. *A vida de Pedro Ludovico*. Fundação de Goiânia. Goiânia: Kelps, 2004.

UNES, W. *Identidade art déco de Goiânia*. São Paulo: Ateliê Editorial; Goiânia: Ed. da UFG, 2001.